

WATCHMEN E A NONA ARTE

Taís Turaça Arantes (UEMS)

taistania@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Os quadrinhos ainda são relegados a um segundo plano, porque existe, mesmo que pequeno em relação ao passado, um preconceito com esse hipergênero, pois os argumentos, sem justificativas, dizem que eles não trazem nenhum benefício para o seu leitor e que o mesmo não deve ser considerado como uma arte. Em contraponto a isso, existem inúmeros estudos que comprovam que os quadrinhos são uma ponte para outras literaturas, e que eles mesmos podem ser considerados como literatura. Escolheu-se como objeto de estudo um subgênero dos quadrinhos: *graphic novel*. A *graphic novel* que utilizamos para este trabalho foi *Watchmen*, de Alan Moore para demonstrar que esta é uma grande obra dentro da nona arte, bem como discutir por que os quadrinhos são a nona arte e desmistificar o suposto fato de que os leitores dessa arte não aprendem nada. Como tentar compreender as atitudes de Rorschach sem ler Kant?

Palavras-chave: Watchmen. Nona arte. Quadrinhos. Literatura.

1. Introdução

Não há melhor forma de começar esse artigo do que com as próprias de Alan Moore na citação abaixo. Visto que o foco desse estudo foi estudar *Watchmen*, uma das obras do autor já mencionado, e explicar um pouco mais sobre o conceito dos quadrinhos como nona arte. Vejamos:

Ao invés de compararmos sempre os quadrinhos ao cinema ou à literatura, com o intuito de que a respeitabilidade destes conceda àqueles mais legitimidade, não seria muito mais produtivo concentrar a nossa atenção justamente nos aspectos e nas técnicas em que os quadrinhos são únicos e especiais? Em vez de insistirmos nas técnicas cinematográficas que os quadrinhos podem duplicar, não seria mais profícuo considerarmos mais as técnicas destes que o cinema não pode imitar? (MOORE, *apud* BALLMANN, 2009, p. 05)

Moore descreve bem a realidade dos quadrinhos. Que eles sempre estiveram relegados a um segundo plano. Sob um preconceito sem fundamentação que se pauta apenas na afirmação de que manter contato com esse tipo de material distancia o indivíduo de outra arte, a literatura. É claro que nessa briga, por assim dizer, temos aqueles que defendem esse tipo de leitura, buscando principalmente explicar os benefícios que se pode obter com as histórias em quadrinhos. E em meio a esse turbilhão de contraponto é inegável o fato de que os quadrinhos estão pouco a pouco conquistando o seu espaço.

Mas, Moore nos atenta a um fato de suma importância, que nada mais é: que em meio a essa discussão de que se ler quadrinhos é algo bom ou ruim, existe a comparação dessa arte com a própria literatura e cinema. Essa comparação serve para amenizar os conflitos existentes entre esses dois lados. Porém, nesse sentido o autor referido nos diz que é muito mais apropriado nos atentar que os quadrinhos são únicos. Que ele por si só já uma arte. Por isso um dos pontos altos no processo de escrita desse artigo foi fazer uma relação das histórias em quadrinhos com a arte, assim como encaixar *Watchmen* na arte pós-moderna²⁵.

Para tanto, o artigo foi dividido metodologicamente em três tópicos sendo que o primeiro fica contido a discussão sobre o que é arte para até chegar-se na nona arte. Bem como o segundo busca explicar sobre a *graphic novel* de Alan Moore: *Watchmen*. E por fim, o que os leitores dessa nona arte apreciam nesse tipo de leitura.

2. *Como se define a nona arte*

De uma maneira bem simples é possível afirmar que a arte é a atividade humana que está intimamente ligada com a ordem estética e, claro que, consegue despertar o interesse e a consciência para determinados assuntos em seus espectadores. A arte é a faculdade pela qual o indivíduo

²⁵ Para um melhor entendimento da arte pós-moderna. Usamos aqui as palavras de Peccinini e Leite (2002, p. 01): um clima de incertezas e uma dificuldade de sentir ou representar o mundo são as condições do pós-moderno. Diante da sensação de irrealidade, da desordem e do vazio, a sociedade cada vez mais se individualiza e se torna apática. Ela não encontra valores e sentido para a vida, somente se entrega ao prazer imediato e ao consumismo. Portanto, ela não desenvolve pensamentos profundos ou existenciais, mas apenas repostas rápidas e adequadas à era do consumismo exacerbado. É o indivíduo pós-moderno, símbolo maior e centro da decadência de valores humanos, que será atingido e tematizado pela arte contemporânea.

pode exprimir seus sentimentos, ou seja, ele pode trabalhar a imagem, o som, a matéria para expressar o seu interior.

Nessa perspectiva quando revisitamos o passado percebemos que antes a dança, escultura, literatura, música, pintura e teatro eram consideradas como formas de artes. Foi a partir de Ricciotto Canudo²⁶ com sua obra “Manifesto das Sete Artes” de 1923, que o cinema passou a ser considerada como sétima arte.

Com isso cabe citar aqui o que Cruz (2009, p. 13) nos diz que

uma arte se modifica de acordo com a sociedade época, assumindo diversas formas de acordo com a motivação e necessidades de cada tempo e civilização, mas no sentido original a arte é o uso da habilidade de lidar com produtos, (materiais e métodos) com os conhecimentos necessários para dar forma a expressões ideias e sentimentos.

Assim como Cruz nos explica que a arte se modifica com o tempo, a partir de Ricciotto Canudo outras pessoas continuaram esse trabalho de sistematização das artes. Dessa forma a fotografia fica como oitava arte e os quadrinhos (que englobam no seu processo de criação a imagem, cor e escrita) fica como nona arte. Logo, a classificação ficou da seguinte forma:

- 1ª arte: a música;
- 2ª arte: a dança (ou coreografia);
- 3ª arte: a pintura;
- 4ª arte: a escultura;
- 5ª arte: o teatro;
- 6ª arte: a literatura;
- 7ª arte: o cinema;
- 8ª arte: a fotografia;
- 9ª arte: as histórias em quadrinhos;
- 10ª arte: o video game.

Vemos que não existe necessariamente uma hierarquia nessa classificação, ao menos não nas seis primeiras. Em suma, o que segue é que a categorização de cada uma delas se dá através de seu elemento constitutivo. À música cabe o som, à dança o movimento, à pintura a cor, à escultura o volume, ao teatro a representação, à literatura a palavra. (BALLMANN, 2009, p. 23)

²⁶ Informação retirada da dissertação do Mestrado em Filosofia de Helena Sofia Miranda Brandão, que está disponível nas referências.

Posteriormente ao estudo de Ricciotto Canudo, os quadrinhos começaram a pertencer ao rol das artes. E como já foi dito, foi pelo fato de estar englobado em sua construção a imagem, cor e escrita.

Como Mourilhe Silva (2010, p. 08) nos diz que

Os quadrinhos também ganharam pouco a pouco respeitabilidade e até a denominação de arte, a nona arte [...] Além disso, o advento das *graphic novels* também mostra o reconhecimento recebido pelos quadrinhos, na medida em que recebem prêmios de literatura e figuram entre os *best sellers*, em trabalhos que podem funcionar tanto como arte popular ou erudita.

A citação acima além de completar o pensamento de que os quadrinhos hoje são a nona arte, configura o foco para o próximo tópico, que visa explanar sobre a *graphic novel* de Alan Moore: *Watchmen*. Visto que o conteúdo dessa obra é tenso e dramático.

3. *A graphic novel de Alan Moore: Watchmen*



Fonte: <http://www.ochaplin.com/wp-content/uploads/2014/02/watchmen-.jpg>.
Acesso em: 21-07-2014.

Em continuidade de que os quadrinhos são a nona arte, temos as palavras de Bosi (2000, p. 13) que nos diz que “a arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística”. Compreendemos que os quadrinhos é atividade humana que pode ser chamada de artística, visto que em seu interior é trabalhado a arte sequencial com cores e com a palavra através do fluxo narrativo e das falas dos personagens em balões.

Internalizada essa relação entre quadrinhos e nona arte partimos para a discussão da obra *Watchmen* e a nona arte. A nona arte pode ser apresentada de diversas formas estéticas, ou seja, por meio de charges, tirinhas, *graphic novels* e assim por diante.

Já lembrado que dentro do mundo dos quadrinhos existe a *graphic novel* iremos abordar um pouco sobre ela, visto que é uma discussão pertinente nesse tópico. Para tanto é relevante para a continuidade da leitura explicarmos o que significa o termo *graphic novel*, por tanto:

O termo geralmente é usado para referir-se a qualquer forma de quadrinho de longa duração, é o análogo na arte sequencial. Pode ser aplicado a trabalhos que foram publicados anteriormente em quadrinhos periódicos, ou a trabalhos produzidos especificamente para publicação em formato livro. Uma *graphic novel* não precisa ser voltada para o público adulto; às vezes, é necessário apenas que tenha uma boa estrutura e um visível grau filosófico. (ALMADA, 2012, p. 138)

É nítido nas leituras de grandes *graphic novels*, não só em *Watchmen* como em outras, por exemplo *Asterios Polyp* de autoria David Mazzucchelli (2011), a boa estrutura como o grau filosófico, o trabalho com os traços, o fluxo narrativo e assim por diante.

Como mencionamos na introdução desse artigo que um dos pontos que também queríamos atingir era encaixar *Watchmen* na arte pós-moderna, nesse sentido Guerra (2013, p. 154) nos diz:

ora, em uma sociedade caótica pós-moderna, com as leis e princípios morais cada vez mais desacreditados, é natural que as histórias em quadrinho sigam essa mesma linha. E em meio a esta realidade pós-moderna, claramente a figura do herói clássico entra em declínio.

Com a leitura de *Watchmen* vimos que Moore criou personagens tão caóticos quanto o mundo que eles queriam salvar. Temos heróis com transtornos psicológicos, depressivos e agressivos, entre outros adjetivos negativos que poderíamos dar para esses heróis.

Moore trabalha na narrativa de *Watchmen* usa os personagens para mergulhar na psicologia, bem como nas ramificações éticas e políticas da vigilância. Um modo como essa obra força a reavaliar o super-herói é retratando vários fantasiados combatentes do crime como, no mínimo, indivíduos com problemas psicológicos. (SKOBLE, 2005, p. 45-46)

Moore nos leva para um mundo como realmente seria se os heróis existissem. E é evidente que esse mundo não seria belo. Fica claro em *Watchmen* a característica pós-moderna de desacreditar as instituições

vigentes que proporcionam o bem correr da vida. Mostrando uma crítica social, ou seja, que o que acontece de negativo também está relacionada ao interesse puro do governo. (GUERRA, 2013, p. 157)

4. *O que os leitores aprendem com a nona arte?*

O foco desse artigo não é a educação, mas apenas em forma de apenas complementar o que já foi dito sobre quadrinhos e nona arte. Nesse tópico abordamos o que os leitores dessa nona arte aprendem. Fora de uma abordagem de usar essa *graphic novel* em sala de aula.

Bem, como foi dito no resumo, há profundas relações dessa obra com a filosofia e faremos um recorte apenas para um personagem: Rorschach. Pois

Rorschach carrega um fardo terrível. Ele viu a verdadeira face da cidade. Ele viu este mundo cheio de vermes, pelo que ele é: uma vala dos desgraçados [...] A mente de Rorschach é de fato um lugar negro, e mesmo assim é regida por um princípio simples, de longa e venerável tradição: o mal deve ser punido. (HELD, 2009, p. 29)

Ao analisarmos esse personagem percebemos que o seu comportamento pode ser estudado a partir da filosofia kantiana. Que vai desde a análise de seus atos, que inclui o fato do mesmo não conseguir dizer a verdade no final da *graphic novel*.



Fonte: <http://www.customity.com/storage/public/image/wallpaper/201007/1343-watchmen-rorschach-wallpaper-1280x800-customity.jpeg>. Acesso em: 21-07-2014.

Para uma melhor exemplificação nos atentamos ao fato de Rorschach punir o sequestrador de uma menina. O próprio personagem

diz: “Não é Deus quem mata as crianças. Não é o destino que as trucidou ou a sina que as dá de comer aos cães. Somos nós. Só nós.” (MOORE, 2009, p. 202). Ao observarmos o fato de Rorschach punir com as próprias mãos e com leituras acerca de Kant, podemos relacionar isso com dois princípios que governa a punição. Sendo primeiro que as pessoas devem ser punidas por terem cometido um crime e o segundo de que a punição tem de ser proporcional ao crime.

Os princípios de Kant descrevem uma teoria geral da punição: malfeitores têm que ser punidos, e a punição tem que ser adequada ao crime [...] Kant vê a punição como uma questão de justiça. Ele diz que, se o culpado não é punido, a justiça não é feita. (RACHELS, 2013, p. 153)

Nosso objetivo não é explanar sobre Kant e nem mesmo sobre as atitudes de Rorschach²⁷, mas exemplificar que, com a leitura da nona arte em si, é possível chegar a uma reflexão crítica.

5. Conclusão

Esse breve artigo tentou demonstrar que os quadrinhos são a nona arte, por todo um trabalho de produção que envolve a imagem, cor e escrita. Reconhecer os quadrinhos como uma arte em si, nos remete ao ponto a introdução desse artigo quando falamos que se pode usar ele como uma arte em si para se levar para dentro da sala de aula, se essa for a vontade do professor e que a apreciação dessa arte não faz o indivíduo se distanciar de outra arte, a literatura.

Bem, *Watchmen* é uma obra que já recebeu prêmios, entre eles o prêmio Eisner²⁸ (o Oscar dos quadrinhos) e se consagrou como um eterno *best seller*. Fazer a relação entre esse renomada *graphic novel* e a nona arte foi um grande prazer, visto que, mesmo em meio a tantas “turbulências”, os quadrinhos estão conquistando o seu espaço.

Assim como *Watchmen*, diversas outras obras do mundo das histórias em quadrinhos apresentam ao seu expectador uma nova forma de

²⁷ Isso é material para outro artigo!

²⁸ Disponível em: <<http://www.terra.com.br/diversao/cinema/especial/watchmen/watchmen-a-historia-3.htm>>. Acesso em: 21-07-2014.

explorar o mundo por intermédio não só das críticas ali presentes, como também da própria formação da arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Bárbara. O uso de HQs na escola. In: GOMES, Nataniel dos Santos. *Quadrinhos e transdisciplinaridade*. Curitiba: Appris, 2012. p. 135-154.

BALLMANN, Fábio. *A nona arte: história, estética e linguagem e quadrinhos*. 2009. Dissertação (Mestrado). – Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão. Disponível em: <http://aplicacoes.unisul.br/pergamum/pdf/100250_Fabio.pdf>. Acesso em: 19-07-2014.

BRANDÃO, Helena Sofia Miranda. *A fábrica de imagens: o cinema como arte plástica e rítmica*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Lisboa. Lisboa.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 2000.

CRUZ, Aline Jezica da Paixão. Arte: uma complexa definição. In: _____. *A música e a infância: uma reflexão sobre as contribuições da música na educação infantil*. Salvador: UNEB, 2009, p. 13-24. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-Aline-Jezica-da-Paixao-Cruz.pdf>>.

GUERRA, Amanda. Pós-modernidade nos quadrinhos: a desconstrução em Alan Moore. In: GOMES, Nataniel dos Santos; RODRIGUES, Marlon Leal. *Para o alto e avante! Textos sobre histórias em quadrinhos para usar em sala de aula*. Curitiba: Appris, 2013, p. 151-161.

MOURILHE SILVA, Fabio Luiz Carneiro. A relação entre arte e quadrinhos a partir da perspectiva estética, ética e filosófica de Shusterman. *Revista Redescrições – Revista on line do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte-Americana*, ano 1, n. 4, 2010, p. 01-11. Disponível em: <http://www.gtpragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/04/6_bola.pdf>.

PECCININI, Daisy V. M.; LEITE, Luciana de A. *Pós-moderno: a problemática do pós-moderno no campo artístico*. São Paulo: MAC/USP, 2002. Disponível em:

<<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo6/posmoderno.html>>. Acesso em: 12-04-2014.

RACHELS, James. Kant e o respeito pelas pessoas. In: _____. Elementos da filosofia moral. 7. ed. Barueri: Manole, 2013, p. 146-155.

SKOBLE, Aeon J. Revisionismo do super-herói em Watchmen e O retorno do Cavaleiro das Trevas. In: IRWIN, William; MORRIS, Matt. *Super-heróis e a filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático*. São Paulo: Madras, 2005, p. 41-51.